



Dossiê Feminismos materialistas: recepções latino-americanas

APRESENTAÇÃO

Em um contexto de crise e de acirramento das desigualdades, presencia-se, no seio das reflexões e da militância feminista, um novo interesse por perspectivas marxistas e materialistas. Os feminismos materialistas foram *uma* dessas perspectivas para as quais diversos trabalhos atuais se voltaram em busca de novas perspectivas teóricas e políticas e de um referencial que permitisse pensar os aspectos materiais da dominação. Este dossiê visa a reunir estudos teóricos e empíricos produzidos na América Latina que mobilizam, dialogam ou adotam conceitos e problemáticas oriundas dessas reflexões. O objetivo é pensar também como se configuraram as múltiplas recepções dessas teorias originalmente formuladas num contexto histórico, político e teórico distinto da realidade latino-americana.

É preciso lembrar que os contornos do que constitui o(s) feminismo(s) materialista(s) são objeto de diversas disputas teóricas e políticas e que o seu conteúdo varia histórica e geograficamente. Se a expressão é empregada como sinônimo de “marxismo” em alguns contextos, como é o caso de uma certa produção anglófona¹, no contexto francês essa adquiriu uma acepção distinta. Sem pretensão de desenvolver uma reconstituição histórica aprofundada dessa reflexão², é importante aqui situar, de forma panorâmica, sua emergência.

Essa corrente teórico-política emerge no contexto francês, na década de 1970, em meio a intensas mobilizações feministas da chamada “segunda onda”. Christine Delphy, Colette Guillaumin, Nicole-Claude Mathieu, Monique Wittig e Paola Tabet são algumas das principais representantes dessa perspectiva nos anos 1970-1980³. Em ruptura com as análises marxistas sobre a chamada “questão feminina” da época, que associavam a

¹ Ver, por exemplo, KUHN, 1978 e VOGEL, 1995.

² Para uma apresentação mais aprofundada dessa perspectiva ver FALQUET; CURIEL 2005; ABREU 2018.

³ Para uma lista de publicações de Colette Guillaumin ver “Liste des travaux de Colette Guillaumin” publicado no dossiê “Penser avec Colette Guillaumin aujourd’hui” (ABREU, FALQUET, FOUGYROLLAS-SCHWEBEL, CAMILE NOÛS, 2020). Para Nicole-Claude Mathieu, ver: <http://las.ehess.fr/docannexe/fichier/219/Mathieu%20publi.phf>.

opressão feminina a um problema em termos de “mentalidade” ou “superestrutural”, essas autoras colocam a materialidade dessa forma de dominação no centro de suas reflexões. Ao conceber as relações hierárquicas e assimétricas entre os sexos como relações sociais de dominação – numa crítica frontal às perspectivas que subsumiam a chamada “questão feminina” às relações de classe – essas reflexões trouxeram um novo olhar e novas possibilidades teórico e políticas. Essa etapa constitui um momento importante da reflexão e permitiria pensar, posteriormente, a articulação com outras relações sociais.

Outro aspecto fundamental é o antiessencialismo. Recusa-se a ideia de “essência feminina” e se propõe a pensar as categorias homem e mulher como categorias historicamente construídas e, como tais, passíveis de serem eliminadas através da destruição do sistema de relações que as constituem. Os antiessencialismos gestados no contexto anglófono e os conceitos que emergem dessa reflexão (como sistema sexo-gênero, gênero, dentre outros) são mais conhecidos no contexto brasileiro. Mas, na mesma época, outros conceitos antiessencialistas emergem no contexto francês, entre eles: *sexagem*, pensamento *straight* e relações sociais de sexo.

A partir dos anos 1990, a problemática feminista materialista se reconfigura, num contexto marcado pela emergência e circulação do que é chamado um feminismo “pós-moderno” ou “pós-estruturalista”. Mudam-se os interlocutores. O elemento unificador nesse novo contexto passa a ser a materialidade das relações sociais em contraposição às análises que minimizariam seu peso e efeitos. É nesse contexto que a ideia de uma corrente de pensamento estruturada e com os contornos que conhecemos se desenvolve e o epíteto “feminismo materialista” começa a ser usado com mais frequência. Pesquisadoras e militantes - que se vinculavam a outras perspectivas teóricas no período precedente passam a se identificar com essa “corrente” reconfigurada, tais como Danièle Kergoat e Anne-Marie Devreux.

Essas reflexões entram de fato nos debates feministas brasileiros e de outros países latino-americanos sobretudo a partir dos anos 2000. A recepção tardia dessas teorizações no contexto latino-americano produz efeitos e reelaborações. Alguns dos debates e interlocutores/as desses textos são desconhecidos atualmente e tais reflexões são recebidas num contexto marcado por outras prioridades políticas e teóricas e em diálogo ou disputa com outras problemáticas. Criticar essa produção teórica a partir de questões do presente sem levar em consideração o contexto no qual foram produzidos e sem entender quais eram as perguntas que pretendiam responder pode nos conduzir a uma leitura excessivamente “presentista” do pensamento feminista. Isso não significa justificar os caminhos e escolhas teóricas, mas simplesmente de historicizar essa produção teórica. Se propomos este dossiê é porque julgamos que essas reflexões, além de estimulantes teoricamente, podem contribuir para os debates e para enfrentar os desafios dos feminismos de hoje.

A história da circulação transnacional dos feminismos materialistas é o tema para o qual esse dossiê pretende trazer contribuições. A trajetória das traduções para o espanhol e português constitui um aspecto revelador dessa reconstituição. Foge ao escopo dessa introdução fazer uma análise exaustiva, mas apresentamos aqui alguns elementos históricos.

Partindo-se de uma concepção ampla dos feminismos materialistas, pode-se afirmar que, no Brasil, essa reflexão chega sobretudo a partir dos textos de Helena Hirata e Danièle Kergoat⁴, sem que, contudo, na época fossem considerados como tais. O livro “O sexo do trabalho”, traduzido no Brasil em 1986 (Kartchevsky-Bullport et al., 1986), é um dos momentos importantes dessa circulação. O artigo “A classe operária tem dois sexos” publicado pela revista *Estudos feministas* em 1994, marca igualmente as pesquisas brasileiras sobre o trabalho (Hirata; Kergoat, 1994). O conceito de divisão sexual do trabalho, amplamente incorporado neste país, permitia fincar o pé nas relações sociais concretas, materiais, de exploração, entre os “sexos”. Cabe ressaltar a importância de Helena Hirata, pesquisadora do CNRS (Centre National de la Recherche Scientifique), brasileira, exilada na França no início dos anos 1970, para essa reflexão e sua travessia ao Brasil⁵.

Das outras autoras, mais comumente consideradas “materialistas”, encontramos traduções já nos anos de 1970. A rigor, a primeira tradução no Brasil, por nós conhecida, data de 1978 e foi publicada em Belo Horizonte pela editora Interlivros, com o título *Liberação da mulher: ano zero*. Trata-se de uma tradução de um número especial da revista *Partisan* intitulado *Libération des femmes: année zero*, considerada a primeira publicação coletiva do nascente *Mouvement de libération des femmes*. Figuram nesta publicação o artigo “O inimigo principal” de Christine Delphy (sob o pseudônimo de Dupont (1978)-, bem como textos que indicavam preocupações similares.

Em 1994 a revista *Estudos feministas* publica o artigo de Colette Guillaumin, “*Enquanto tivermos mulheres para nos darem filhos: a respeito da raça e do sexo*”, que integra a síntese do Colóquio Internacional (Formação, Pesquisa e Edição Feministas na Universidade: Brasil, França e Quebec).

⁴ Para uma bibliografia exaustiva de Danièle Kergoat em diversas línguas, indicamos “Bibliographie des travaux de Danièle Kergoat” (Kergoat, 2012, p.335-347).

⁵ A influência das obras de Danièle Kergoat e Helena Hirata para o interdisciplinar campo de estudos do trabalho bem como para as organizações políticas feministas no Brasil constitui o tema do dossiê organizado por Bianca Briguglio, Fabiana Sanches Grecco, Raquel Oliveira Lindoso e Thaís de Souza Lapa e publicado no número 53 da Revista de Ciências Sociais – Política e Trabalho. Trata-se de um balanço da produção coletiva das autoras bem como da vasta produção inspirada pela ou em diálogo com a sociologia do trabalho erguida por elas. (Briguglio et al., 2021). Publicado em abril de 2021, “Aventura coletiva – a influência de Danièle Kergoat e Helena Hirata nos estudos do trabalho e na luta feminista no Brasil” foi também uma das mesas-redondas do Esquento ABET, conjunto de mesas realizadas durante o XVII Encontro da Associação Brasileira de Estudos do Trabalho, em 2021. Ver: https://www.youtube.com/watch?v=x_g1bq67HGY.

Este artigo, embora não tenha tido impacto nas discussões feministas e nos estudos de gênero da época, pode ser vislumbrado como parte dos esforços teóricos empreendidos para se compreender a imbricação entre diversas formas de opressão. No mesmo número especial, *Estudos feministas* publica “Feminismo e recomposição da esquerda” de Christine Delphy.

O *Dictionnaire critique du féminisme* – organizado por Helena Hirata, Françoise Laborie, Hélène le Doaré e Danièle Senotier – é publicado em 2000 na França, traduzido para o espanhol (Diccionario crítico del feminismo, 2002) dois anos depois e para o português (Dicionário crítico do feminismo) em 2009. Esse livro é fruto do Grupo de Estudos sobre Divisão Social e Sexual do Trabalho (GEDISST-CNRS), que se tornou GTM (Gênero, Trabalho, Mobilidades) em 2005 (2009, p. 16). Diversos verbetes são escritos por autoras identificadas com a perspectiva feminista materialista, como por exemplo “patriarcado” (de autoria de Delphy) e “divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo” (elaborado por Kergoat). Dado o seu caráter sintético e didático, o livro serviu, para leitores(as) brasileiros(as), como uma incursão nessas teorizações, em parte também por conta da ausência de dicionários e obras introdutórias similares no país.

É sobretudo nos anos 2010 que surgem novas traduções e que a ideia de um “feminismo materialista” começa a fazer parte dos debates brasileiros. A partir daí diversas autoras passaram a mobilizar essas teorias nas suas pesquisas. Podemos citar, entre outras, Mirla Cisne e Verônica Ferreira, a partir do Serviço Social, Maíra Mano e Maria Betânia Ávila, das Ciências Sociais. Esta inflexão se acentua a partir de 2014, quando *Patriarcado desvendado* é publicado (Ferreira; Ávila; Falquet; Abreu, 2014). A ideia desse livro surgiu de dois membros do SOS-Corpo (Recife): Maria Betânia Ávila e Verônica Ferreira⁶. O livro reúne textos de Colette Guillaumin, Nicole-Claude Mathieu e Paola Tabet. A rigor, aquela organização já tinha promovido outras traduções de autoras feministas, mas foi a partir de *El Patriarcado desnudado*, publicado em espanhol em 2005, que a ideia de lançar um livro similar no Brasil se concretiza. Maria Betânia Ávila conhecia de longa data essas reflexões. Exilada na França durante a ditadura militar, Betânia participou do Círculo de Mulheres Brasileiras em Paris (1975-1979), grupo no qual Helena Hirata também militava. Foi igualmente do SOS-Corpo a iniciativa de traduzir um conjunto de artigos de Danièle Kergoat, publicados sob o título *Lutar, dizem elas*, no ano de 2018.

A reconstituição histórica da recepção dos feminismos materialistas no Brasil, e no resto da América Latina, nos leva, portanto, a olhar para fora da academia. Como afirmam Ávila e Ferreira na introdução de *Lutar, dizem elas*, as viagens transatlânticas que deram origem a esse livro – e podemos extrapolar para as circulações do feminismo materialista de uma forma mais ampla – é fruto da “síntese de um percurso histórico e do cruzamento de trajetórias individuais de mulheres feministas de diferentes gerações que se

⁶ Agradecemos as informações fornecidas por Maria Betânia Ávila sobre as origens do projeto de publicação deste livro.

encontram no território comum da produção do conhecimento e do engajamento nas lutas feministas emancipatórias” (2018, p. 10-11).

Cabe ainda mencionar duas outras traduções mais recentes: “O inimigo principal” de Christine Delphy (2015), na *Revista Brasileira de Ciência Política* e “Não se nasce mulher”, de autoria de Monique Wittig (2019) – muito provavelmente, no Brasil, a mais conhecida das feministas materialistas do núcleo original (e isto graças às referências feitas por Judith Butler) – publicada no livro organizado por Heloísa Buarque de Hollanda (2019), *Pensamento feminista: conceitos fundamentais*. Um número especial da revista LABRYS, Estudos Feministas (Brasil/Montreal, Paris) sobre Monique Wittig foi publicado em 2003, contendo textos em francês e inglês sobre a autora (SWAIN, 2003).

Enquanto a influência de Danièle Kergoat e Helena Hirata é mais notória no campo de estudos do trabalho, Wittig adentra sobretudo nos estudos sobre sexualidade e heteronormatividade, contribuindo para a construção de um feminismo lésbico materialista.

Essa cronologia que esboçamos não leva em conta as traduções informais, jamais publicadas, e cuja existência é mais difícil de se retrair. Mas, a importância desse tipo de material não pode ser minimizada.

No restante da América Latina, temos ainda menos elementos para reconstituir essa história. Um livro reunindo artigos de Delphy foi publicado em Barcelona, no início dos anos 1980, *Por um feminismo materialista* (Delphy, 1982) parece ter circulado em outros países hispanófonos. Na América latina, a publicação mais conhecida é *El Patriarcado al desnudo. Tres feministas materialistas*, livro já citado, organizado por Jules Falquet e Ochy Curiel (2015), militantes do coletivo Brecha Lésbica. Ochy Curiel, feminista decolonial dominicana, é uma das figuras que tem contribuído para a divulgação do feminismo materialista na América Latina, articulando questões como colonialidade, gênero, raça e sexualidade. Falquet, por sua vez, é uma das continuadoras dessa tradição no contexto francês. Trabalhando sobre os feminismos latino-americanos e com diversos contatos em países desse subcontinente, ela tem contribuído não apenas para a tradução, mas também para a síntese e revitalização dos feminismos materialistas, forjando conceitos, entre os quais de vasos comunicantes, que articula as relações sociais de gênero, de “raça” e de classe (Falquet, 2014; 2018).

As leituras atuais desses textos, num contexto marcado por problemáticas distintas dos períodos precedentes, nos permitem levantar questões e vislumbrar atualizações. Como textos produzidos, em alguns casos, há décadas podem ser mobilizados para analisar a realidade contemporânea? Compreender a recepção dos feminismos materialistas, a circulação de conceitos, o modo como foram apropriados, adaptados, re-transformados e incorporados nas reflexões latino-americanas constitui um dos objetivos deste dossiê.

Maíra Kubik Mano, em “Escolher as armas: a utilização de conceitos do Norte para os feminismos brasileiros” abre o dossiê e procura trazer algumas dessas reflexões a partir do contexto brasileiro. A autora analisa como essas teorias precisam ser articuladas com a produção do Sul pensando um imbricamento entre gênero, raça, classe e colonialismo. Propondo um diálogo frutífero entre essas duas produções, sobretudo a partir de conceitos de Guillaumin, a autora procura mostrar a impossibilidade de se pensar o corpo-máquina-de-trabalho sem levar em consideração a racialização desses corpos e a necessidade de buscar saídas coletivas.

Pensar nossas inquietações críticas, nossas genealogias feministas é um aspecto que mereceria ser levado em consideração nas reflexões feministas atuais. O problema do colonialismo não é somente a divisão internacional do trabalho entre países que produzem “teoria” e outros que as aplicam. Outro problema fundamental é quando os próprios antigos colonizados incorporam essa posição e valorizam a produção teórica dos países do centro, menosprezando aquela produzida no país ou em outros países que se encontram igualmente na periferia do sistema capitalista. A descolonização do saber é um problema que está na ordem do dia e que precisa ser enfrentado. Isso não significa obviamente recusar a produção vinda de outros contextos, mas problematizar a circulação e a política de citações nos nossos trabalhos, que se não forem pensadas, podem invisibilizar relações de dominação que pensamos denunciar e desconstruir.

No artigo “El feminismo materialista: de Francia a las relecturas em la Argentina (década de 1980)”, Luisina Bollas traz à tona um momento pouco conhecido da recepção dessas reflexões na Argentina. Num contexto no qual se passava das catacumbas às ruas, houve uma recepção dessas teorias no seio de espaços de militância, mais especificamente, no grupo ATEM (Asociación de Trabajo y Estudios sobre la Mujer) 25 de noviembre, um grupo importante no contexto pós-ditatorial argentino. A autora mostra como essa recepção permitiu desenvolver questões que não eram abordadas nos textos franceses, como a noção de uma *psicología feminista*.

Augusta Zana, no artigo intitulado “Psicanálise e perspectivas feministas materialistas”, se propõe a investigar alguns diálogos possíveis entre a psicanálise e os feminismos. Reconhecendo uma escassez histórica no diálogo entre a psicanálise e os feminismos materialistas, o artigo, ao mesmo tempo em que reconhece as vantagens e as limitações da abordagem butleriana e de perspectivas pós-estruturalistas, discute a relevância do feminismo materialista para interrogar a psicanálise, permitindo pensar a materialidade das relações sociais de sexo, inscritas em uma esfera estrutural. Neste percurso investigativo, o pensamento materialista e antinaturalista é acionado e colocado em diálogo com autore(a)s psicanalistas, cujas abordagens são apresentadas como promissoras para o estabelecimento e para a inscrição desse diálogo no campo da psicanálise.

Maria Brendler Nosvitz e Larissa Ramalho Pereira analisam a ofensiva neoliberal e neoconservadora no Brasil sob a ótica do feminismo materialista.

No artigo, “Os feminismos diante da ofensiva neoliberal e neoconservadora no Brasil: horizontes de perspectivas para as mulheres”, as autoras evidenciam aspectos do contexto econômico, social e político brasileiro pós golpe de 2016, contexto que suscita reações de grupos e correntes feministas diante do avanço de valores e ideias reacionárias. Destacam a importância das contribuições de autoras feministas, em particular das feministas materialistas, para se compreender criticamente os desafios que se colocam hoje para as mulheres diante da ofensiva neoliberal e neoconservadora.

Publicamos também, a tradução, realizada por Angelo Soares, de um texto de Danièle Kergoat “Pensar a complexidade: das categorias às relações sociais”. Neste texto, a autora coloca em perspectiva dois conceitos forjados em contextos políticos e teóricos distintos: o conceito de interseccionalidade e consubstancialidade. Mais precisamente, procura mostrar o eclipse de diversos trabalhos que promoviam análises que podemos considerar como “interseccionais”. Fazendo parte dessa história, Kergoat procura mostrar como elaborou, já no final dos anos 1970, o conceito de *coextensividade* e, em seguida, o conceito de *consubstancialidade*. A formulação destes conceitos pela autora já sinalizava, antes mesmo da emergência dos chamados estudos interseccionais, uma preocupação em dar ênfase na materialidade das diversas formas de opressão e as tentativas de pensar o imbricamento das mesmas na realidade social.

O dossiê apresenta, a seguir, uma entrevista realizada por Crislane Palma da Silva Rosa e Luana Farias de Oliveira com Jules Falquet, socióloga e pesquisadora-docente na Universidade de Paris 8 Saint-Denis-Vincennes. Realizada em agosto de 2021, nesta entrevista, Jules Falquet discorre sobre sua posição “nas relações sociais de poder estruturais” e sua trajetória biográfica, o pensamento lésbico materialista, a heterossexualidade enquanto regime político, econômico e ideológico e estruturador da “raça”, a pertinência do conceito de *apropriação* para se pensar a própria dinâmica das relações de opressão e exploração no Sul global, e, finalmente, sobre o livro *Imbrication: Femmes, race et classe dans les mouvements sociaux*, publicado em 2020, ainda sem tradução para o português. Os movimentos sociais de Abya Yala e do Caribe não constituem apenas fonte para as suas análises posto que são “práxis”, isto é também produtores de uma reflexão teórico-política sobre a imbricação.

Fechamos o dossiê com uma resenha elaborada por Regina Stela Côrrea Vieira do livro *Le care, théories et pratiques*, de Helena Hirata (2021), em que a autora, a partir de suas pesquisas de campo com cuidadoras de idosos no Brasil, na França e no Japão, discute o cuidado como trabalho. A resenha enfatiza a contribuição de Helena Hirata para se pensar o cuidado tanto em sua dimensão sociopolítica e macroeconômica, quanto em sua dimensão relacional, no escopo da subjetividade e das emoções.

Pouco presente nos debates acadêmicos brasileiros e na crítica feminista de uma forma mais geral, essas reflexões começam a interessar cada vez mais pesquisadoras e militantes nos últimos anos no Brasil e em outros países latino-americanos. Talvez seja ainda cedo para fazer um balanço sobre essa recepção mas é possível, neste dossiê, ter acesso a algumas reflexões que se serviram de seus instrumentos teóricos para pensar diferentes temas.

Em um contexto marcado pela ascensão de forças conservadoras e de efervescência do feminismo, esperamos que esse dossiê possa contribuir para reflexões de um feminismo antissistema, que articule um combate contra o racismo, capitalismo e colonialismo, e que contribua para a construção de um futuro menos sombrio que o momento em que estamos vivendo.

COORDENAÇÃO

- Maira Abreu é professora temporária (Attaché temporaire d'enseignement et de recherche) na Université Paris 8 Saint-Denis-Vincennes. É vinculada ao GTM-Cresppa (Genre travail, mobilités. Centre de recherche. Centre de recherches sociologiques et politiques de Paris).
- Rafaela Cyrino Peralva Dias é docente da Universidade Federal de São João Del Rei. É vinculada ao Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Uberlândia.
- Patrícia Vieira Trópia é docente do Instituto de Ciências Sociais da Universidade Federal de Uberlândia.

Referências bibliográficas

ABREU, Maira. Feminismo materialista: socio-história de uma reflexão. *Revista Estudos Feministas*, v. 26, 2018, p. 1-17.

Briguglio Bianca; Sanches Grecco, Fabiana; Oliveira Lindoso, Renata.; de Souza Lapa, Thais. (2021). Apresentação. *Revista de Ciências Sociais, Política & Trabalho*, 1(53), 12-21. <https://doi.org/10.22478/ufpb.1517-5901.2020v1n53.57500>

CISNE, Mirla; FALQUET, Jules. Economia política sob uma análise feminista materialista: a imbricação das relações sociais de sexo, raça e classe”, *Serviço social em revista*, v. 22, n. 2, 2020.

CURIEL, Ochy ; FALQUET, Jules (org.). *El Patriarcado al desnudo. Tres feministas materialistas*. Buenos Aires. Brecha Lésbica, 2005.

DELPHY, Christine. *L'ennemi principal 1. Economie politique du patriarcat*. Paris: Syllepse, 1997.

DELPHY, Christine. *L'ennemi principal 2. Penser le genre*. Paris: Syllepse, 2001.

DELPHY, Christine; LEONARD, Diana. *Familiar exploitation: a new analysis of marriage in contemporary western societies*. Cambridge: Polity press, 1992.

DUPONT, Christine. L'ennemi principal *Partisans*, n° 54-55, julho-set. 1970, p. 157-172. [Publicado em português em: DURAND, EMMANUELLE. et al. Liberação da mulher: ano zero. Belo Horizonte: Interlivros, 1978].

FALQUET, Jules. A combinatória straight: raça, classe, sexo e economia política: análises materialistas descoloniais, *Crítica Marxista* n.48, 2018.

FALQUET, Jules. Por uma anatomia das classes de sexo. Sobre a obra de Nicole-Claude Mathieu. *Revista Lutas Sociais*, Vol. 18, nº32, 2014.

FEMENÍAS, Maria Luisa.; BOLLA, Luisina. (2019). Narrativas invisibles: Lecturas situadas del feminismo materialista francés. *La aljaba*, 23, 91-105. Disponível em: http://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/art_revistas/pr.11939/pr.11939.pdf

FEMENÍAS, Maria Luisa. El feminismo materialista francés en el marco general de las teorías feministas y de género. *Mora*, (21), 149-163.

FERREIRA, Verônica; AVILA, Maria Betânia. In MARTUSCELLI, Danilo Enrico (org.) Os desafios do feminismo marxista na atualidade / Danilo Enrico Martuscelli (org.), 1. ed. Chapecó, *Coleção marxismo21*, 2020.

JACKSON, Stevi. *Christine Delphy*. Londres: Sage, 1996.

GUILLAUMIN, Colette. Prática de Poder e ideia de natureza. In: Ferreira, Verônica; Ávila, Maria Betânia; Falquet, Jules; Abreu, Maira; (org.) *O Patriarcado Desvendado: teorias de três feministas materialistas*. Colette Guillaumin, Paola Tabet e Nicole-Claude Mathieu, Recife, Edições SOS Corpo. Recife, 2016.

GUILLAUMIN, Colette. Enquanto Tivermos Mulheres para nos Darem Filhos. *Revista Estudos Feministas*, número especial, p. 228-233, 1994.

GUILLAUMIN, Colette. *L'idéologie raciste: Genèse et langage actuel*. Paris: Gallimard, 2002 5 [1972].

GUILLAUMIN, Colette. *Sexe, race et pratique du pouvoir*. Paris: Côté-femmes, 1992.

KUHN, Anette; WOLPE, AnnMarie (org.). *Feminism and materialism*. Londres: Routledge e Kegan Paul, 1978.

MATHIEU, Nicole-Claude. Identidade sexual/sexuada/de sexo? Três modos de conceitualização da relação entre sexo e gênero. In: Ferreira, Verônica; Ávila, Maria Betânia; Falquet, Jules; Abreu, Maira; (org.) *O Patriarcado Desvendado: teorias de três feministas materialistas*. Colette Guillaumin, Paola Tabet e Nicole-Claude Mathieu, Recife, Edições SOS Corpo. Recife, 2016.

MANO, Maíra Kubik. As contribuições do feminismo materialista francófono para a realidade brasileira. In: Luis Felipe Miguel; Luciana Ballestrin. (Org.). *Teoria e política feminista: contribuições ao debate sobre gênero no Brasil*. Porto Alegre: Zouk, 2020, v. 1

MATHIEU, Nicole-Claude. *L'anatomie politique*. Paris: xi, 2013.

MATHIEU, Nicole-Claude. *L'anatomie politique 2*. Paris: La Dispute, 2014.

NOYÉ, Sohie. Por um feminismo materialista e queer. *Crítica Marxista* n.48, 2018.

TABET, Paola. Mãos, instrumentos, armas. In: Ferreira, Verônica; Ávila, Maria Betânia; Falquet, Jules; Abreu, Maira; (org.) *O Patriarcado Desvendado: teorias de três feministas materialistas. Colette Guillaumin, Paola Tabet e Nicole-Claude Mathieu*, Recife, Edições SOS Corpo. Recife, 2016.

VOGEL, Lise. *Woman Questions. Essays for a Materialist Feminism*. New York & London, Pluto Press, 1995.

WITTIG, Monique. *La Pensée Straight*. Paris: Éditions Amsterdam, 2007.